



NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. Entrevista do mitólogo e professor Junito Brandão a Carlinda Fragale Pate Nuñez. In: **Revista Épicas**. Ano 4, N. 7, Jun 2020, p. 1-8. ISSN 2527-080-X.

## **ENTREVISTA DO MITÓLOGO E PROFESSOR JUNITO BRANDÃO A CARLINDA FRAGALE PATE NUÑEZ**

## **INTERVIEW DU MITOLOGUE ET PROFESSEUR JUNITO BRANDÃO À CARLINDA FRAGALE PATE NUÑEZ**

Carlinda Fragale Pate Nuñez  
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Com o propósito de prestar uma homenagem ao mitólogo e professor Junito Brandão (Aperibé, 1924 - Rio de Janeiro, 1995), recupero aqui a entrevista a mim concedida por ele, que foi publicada com o título “Entre os deuses e os heróis”, no jornal *Tribuna da Imprensa*, no dia 22 de maio de 1995, uma semana depois do dia de seu falecimento.

Faço essa homenagem trazendo imagens da publicação, na forma da página na íntegra e em imagens separadas, que permitirão a leitura integral do texto. Apresento também algumas fotografias de meu arquivo pessoal, para registrar as publicações mais importantes de Brandão.



# Tribuna

Rio, Segunda-feira, 22 de maio de 1995

Tribuna

## *O BIS publica entrevista inédita de Jun* **Entre os deus**

Carlinda Pate Nuñez

**C**ortejado por todos quanto se sentem atraídos pelos carismas do mito, Junito de Souza Brandão era pródigo quando solicitado a discorrer sobre seu tema preferencial. Não bastasse a intimidade do especialista com a matéria mítica, em duas situações específicas o mitólogo parecia sentir-se em condições excepcionais para tratar do assunto: falando a seus alunos ou, sozinho, mergulhado nos desvãos da história, isto é, entre os deuses e heróis que a cultura nunca deixou de reverenciar.

A intensa produção acadêmica do estudioso da cultura clássica dá provas da incomum fertilidade deste âmbito das ciências da Antigüidade, mas não deixa também de testemunhar a dedicação exclusiva que o mestre, escritor, conferencista, pesquisador e tradutor dedicava ao mundo greco-latino.

Junito unia a indefectível generosidade para com os discípulos ao prazer de discutir sobre mito e mitologia, como fez ao conceder uma entrevista a Carlinda F. Pate Nuñez, professora de Língua e Literatura Grega da Universidade Santa Úrsula e colaboradora sua na Uerj. O BIS a publica hoje em homenagem ao mestre, quando será celebrada a missa de sétimo dia em sua intenção, às 12h, na capela da PUC-RJ.

**TRIBUNA BIS - O senhor teria uma definição para mito?**

**JUNITO DE SOUZA -** Vou-lhe dizer simplesmente o que concluí: trata-se o mito de um sistema que tenta, de maneira





conclui: trata-se o mito de um sistema que tenta, de maneira mais ou menos coerente, explicar o mundo e o homem. Opondo-se complementarmente ao lógos, o mythos integra a linguagem humana. O lógos, sendo um raciocínio, procura convencer, acarretando no ouvinte a necessidade de julgar. O mythos não possui outro fim senão a si próprio. Acredita-se nele ou não, à vontade, por um ato de fé, se o mesmo parece "belo" ou verossímil, ou simplesmente porque se deseja dar-lhe crédito. Assim é que o mito atrai, em torno de si, toda a parte do irracional no pensamento humano, sendo, por sua própria natureza, aparentado à arte, em todas as suas criações. Não há domínio algum do helenismo que não tenha recorrido constantemente a ele. Mas o mito é também um sistema de comunicação. Donde não se pode defini-lo simplesmente pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a proferem.

#### **Que mitos teriam mais repercussão nas literaturas modernas?**

Acho que, se começamos tomando por base o mito grego e, sobretudo, o teatro, passando por Sêneca, em Roma, me parece que os mitos que se tornaram definitivos na literatura ocidental, enfocados como obra literária, não só, mas como iconografia, estatutuária, música e arte em geral, seriam, sem marcar ordem de importância: Édipo, Ifigênia, Medéia, Orfeu e Eurídice, Eros e Psiqué, as Electras, que você enfocou em sua tese de Doutorado, e um mito que se tornou uma espécie de obsessão a partir de Dante, o mito escatológico. A escatologia entrou numa espécie de modismo universal. Por onde você vai, tropeça no problema da escatologia. Começaram a nascer todos os tipos de religiões possíveis e imaginárias na ânsia de explicar o além.

#### **Mas esta busca pela vida pós-tumular não seria uma preocupação grega que vem desde Hesíodo, quando propõe o mito de Pandora e diz que o último dom guardado na caixa prescrita é a esperança?**

Toda mensagem de Pandora, dos olhos verdes que ficaram presos à tampa da caixa, é a grande mensagem escatológica do mundo ocidental, que os hindus também apregoavam, não como na poética de Hesíodo, mas que já

O professor de mitologia planejava pesquisar as heroínas gregas e romanas

***“Só compreendo o mito por comparação quando não há possibilidade, por simbolização. A simbologia, no mito, é tudo. O mito tem uma espécie de alma, que é o symbolon. Em não é mito, é mitografia”***

estava lá. Desde o primeiro homem, a grande preocupação foi que ele se tornou mortal. Se ele morre, o que há de ser depois?

#### **Esta é uma preocupação que os gregos sempre tiveram.**

É a que Jung vai chamar um dos maiores arquétipos da psicologia moderna. Thánatos, ao lado de Eros. Com Jung isto fica muito claro: os dois olhos verdes de Pandora representam, eles próprios, a escatologia.

#### **Já que o senhor mencionou Jung, quais seriam os teóricos do mito que consideraria mais importantes para os estudos literários?**

A começar pelo grande amigo de Jung, no qual ele se apoiou miticamente, sem dúvida o húngaro Károli Kerényi. Este é, a meu ver, o maior mitólogo universal. Ninguém o suplantou. Eu mesmo tinha muita vontade de traduzir um de seus livros, intitulado "Os mitos". Depois dele, há a grande analisanda de Jung, Marie Louise Von France, que muitos alegam não ser mitóloga. Há ainda Mircea Eliade, que tanto contribuiu para esta área de estudos, há pouco desaparecido. Dentre os vivos, destacaria três grandes: Jean-Pierre Vernant, James Hillman e uma mulher extraordinária que esteve em São Paulo, Jean Shinoda Bolen. Na França, falecido recentemente, Georges Dumézil. Este é o grande comparativista do mito. Só ele chegou ao âmago da questão, pelo conhecimento que possuía de línguas orientais. Foi o primeiro grande comparativista que o mundo conheceu.

#### **Podemos então dizer que o mito transcende a cultura que o gera?**

Nunca se pode estudar o mito

isoladamente. Só compreendo o mito por comparação ou, quando não há possibilidade, por simbolização. A simbologia, no mito, é tudo. O mito tem uma espécie de alma, que é o symbolon. Em si, ele não é mito, é mitografia. Só existe o mito na sua aplicabilidade. Caso contrário, transforma-se o mito, como o fez, aliás com valor, Monteiro Lobato. É o mito como mitografia, no qual não se acredita, ou o mito evemerizado, como os gregos conheceram, nos fins do séc. IV a.C etc... Enfim, o mito tem uma finalidade não em si mesma, mas de conjunção do lógos com o mythos. Entre estas duas palavras, de fato, não há grande distinção. Elas estão muito ligadas, entrelaçadas.

#### **Qual é, afinal, a etimologia da palavra mito?**

Seria uma palavra onomatopáica, com duas sílabas my my, com um sufixo - tho, mais a desinência sigma, assim apareceu, ultimamente, não no dicionário, mas em revista, por Frisk e Chantraine, informação recente, que ainda não chegou até nós. Então, mito, decorrente deste my-my, estaria ligado ao verbo myeim, que significa calar a boca, guardar segredo. Daí "mistério". Térion, em grego, é "local". Neste caso, o local do segredo, uma verdade revelada a poucos. Donde mito é o lógos sagrado. São sinônimos.

#### **Por que se repete este my-my?**

A reduplicação está aí apenas para mostrar que o mito nasceu, certamente, deste eco, que refaz o próprio ato de segredar.

#### **A que ou a quem se deve o esvaziamento do mito?**

Há dois grandes responsáveis.



io ou,  
zação.  
m uma  
si, ele

**“Tenho dois caminhos de pesquisa que espero ter tempo de vida para terminá-los. O primeiro seria um dicionário histórico-mítico-etimológico do feminino. Outra é um dicionário etimológico das palavras portuguesas oriundas do grego”**

*Junito Brandão*

Na Grécia, não fora o povo já com o mito arraigado, ele teria sido extirpado: o epicurismo materialista e o filósofo Evêmero (fins do séc. III a C.). Por incrível que pareça, a Igreja Católica foi uma das grandes salvadoras do mito, porque o dessacralizou, conservando-o. Basta abrir Luís de Camões. No “Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana”, quando trato do verbete Sibila, incluo todo o diálogo de uma comédia de Gil Vicente, o “Auto de Cassandra”, em que Cassandra é tida como uma sibila e que faz revelações. Ou seja, dessacralizou-se Cassandra e, por isso, as sibilas estão no teto da Capela Sistina, também dessacralizadas. Da mesma forma, as sibilas comparecem no poema inteiro de Camões. De qualquer maneira, o cristianismo vai salvar o mito. Na Grécia, seria o contrário, a dessacralização seria o fim do mito, porque não se poderia pensar no mito esvaziado de seu conteúdo sagrado. O cristianismo entendeu e muito se aproveitou de aspectos externos do mito. Como soube se aproveitar do dia 25 de dezembro, festa em Roma do Sol Invicto, que é Mitra. Vai-se dizer que o cristianismo tem um sol invicto infinitamente maior que Mitra, que é Cristo. E colocou-se o Natal no dia 25 de dezembro por esse motivo.

**Há diferença entre o mito grego e o mito latino?**

Total. Aí está o problema. Para o grego, o mito é uma encenação de que resulta um ritual. Ou seja, repetindo o que disseram Dumézil, Kerényi e Mircea Eliade, tem-se, na Grécia, o mito em dois momentos: um narrativo, que era feito em determinadas horas e para determinadas pessoas, por um determinado in-

divíduo - o “lógos” do mito, de que resultava uma ritualização; o romano partiu do contrário: da ritualização para o mito. Primeiro o ritual: o mito é secundário para o romano. Para este, um deus não ter história não tem a menor importância.

**O senhor pode ilustrar isto?**

Há uma deusa que faz a criança nascer em linha reta - ela se chama Prosa; e há uma deusa, Versa, que é invocada quando a mulher está para dar à luz para não atrapalhar o trabalho de Prosa, cujas etimologias são óbvias. Você poderia perguntar: qual é o mito de Versa? Não existe. Outro exemplo: o grande deus latino Vaticanus, cuja função era ensinar a criança a falar corretamente, porque confundiam vaticanus com vagitanus, do verbo vagire. O mito deste deus também não existe. Há um outro que, para a mulher não ser estéril, vigia a concepção. Chama-se Concívio, do verbo concipere, conceber. Só a mulher na Grécia podia ser estéril, do que o grego não tem culpa, já que a esterilidade masculina só foi descoberta há pouco tempo. Da mesma forma, este deus não tem mito.

**Quais são suas novas frentes de estudo? O que é que o senhor está fazendo agora?**

Tenho dois caminhos de pesquisa que espero ter tempo de vida para terminá-los. O primeiro seria um dicionário histórico-mítico-etimológico do feminino. Há mulheres extraordinárias, no âmbito da história da cultura, totalmente desconhecidas ou ignoradas. O que dizer de Safo? E as pessoas que citam o lirismo sáfico? Modernamente se descobriram fragmentos de oito poetas líricas da Grécia antiga. Nin-

guém fala de Corina, uma dessas banidas da história. E Cleópatra? E Aspásia? Só para falar na Grécia. Além delas há as grandes damas romanas, comprovadamente históricas. Esta é uma idéia. Outra é um dicionário etimológico das palavras portuguesas oriundas do grego. Poucas línguas têm este dicionário. E, neste momento, estou fazendo um estudo da tetralogia de Wagner, pois aí está toda a base do mito nórdico. Sem nenhuma influência grega, os arquétipos são idênticos. É impressionante. O mito nórdico é o mito indoeuropeu. As similitudes não se devem a influências gregas, mas ao berço comum, que quero demonstrar. Por exemplo: as Normas, que me impressionam demais no mito nórdico. Elas correspondem às Queres gregas e às Parcas latinas. São três também. Quanto à função, são muito mais poéticas do que na Grécia ou em Roma. Na Grécia, uma segura o fuso e puxa o fio; a outra sorteia o nome, e a terceira corta este fio. No mito nórdico, as Normas tecem os fios dos sonhos de Erda, que é a Mãe-Terra. Uma imensa poesia. E os sonhos de Erda são a projeção da verdade.

**Ou seja, a chave do mito volta a ser o “lógos”. O segredo está no discurso.**

Exatamente. Pretendo recuperar isto, pois, mesmo na Europa, o mito nórdico é menos estudado que os mitos clássicos. Como a tradição dos estudos clássicos lá é muito forte, o mito nórdico fica sob uma neblina, e ninguém escala mais o Wahlhalla (que, em alemão, significa o vale dos caídos, segundo a etimologia que proponho), o grande palácio de Odin, para onde iam os heróis, cujos últimos suspiros eram colhidos pelas Valquírias.



# na BIS

da Imprensa

Não pode ser vendido separadamente

## Junito Brandão, falecido há uma semana Mitos e os heróis

### O mestre do imaginário mítico

Dalma Nascimento

Os meios intelectuais do Brasil perderam na semana passada um dos mais expressivos especialistas em mitologia greco-latina: Junito de Souza Brandão. Ele foi professor emérito, como poucos, no âmbito das letras clássicas, tendo lecionado em várias universidades do Rio, como a Santa Úrsula, a PUC, Gama Filho e a Uerj.

De fato, Junito Brandão representou um marco, tanto nas salas de aula quanto nas inúmeras obras que publicou, tais como: "Mitologia grega", em três volumes, "Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega", em dois volumes (ambos da editora Vozes), "Dicionário da religião romana", "Teatro grego" (volume um: "Origem e evolução", volume dois: "Tragédia e comédia"), "De Homero a Jean Cocteau", "Helena, o eterno feminino", e "Mito e religião dos latinos", além de inúmeras traduções de textos teatrais.

Com sua palavra fluente, de natural beleza e humorísticas tiradas, ele possuía o raro dom de seduzir o auditório, sempre superlotado, discorrendo sobre temas da antiga Hélade. Qualquer assunto por ele exposto transmutava-se em prazerosa viagem, quer recontasse épicas passagens da Guerra de Tróia ou das aventuras de Ulisses, quer dramatizasse, pela magia da fala, episódios

imortais do teatro grego.

O tema da mulher - sobretudo o da mulher do mundo arcaico - foi também objeto de aprofundada análise, desenvolvido em conferências e transformado no livro "Helena, o eterno feminino". Vinculando a história da esposa de Menelau a uma estrutura sócio-religiosa opressora da força da mulher, ele dialogou com as coordenadas culturais da época para discutir por que ela foi tão aviltada nos relatos literários.

Também o estudo do mito - como energia criadora, sobretudo à luz de Jung, ou interpretado como narrativa, fábula - constituiu uma das suas mais fervorosas paixões intelectuais. Fascinando a fantasia dos alunos com míticos enredos, o mestre os expunha com clareza, profundidade e erudição, mesclados a um extraordinário espírito de síntese comunicativa.

Em densa leveza, Junito Brandão trazia sempre os remotos tempos da Grécia e de Roma para o momento presente, conferindo a eles sabor de atualidade. Tal artifício didático, conjugado a tantos outros de sua rica personalidade, sem dúvida auxiliaram-no a divulgar, entre o público de todas as idades, os pilares fundamentais da cultura do Ocidente, do qual todos somos herdeiros.

Dalma Nascimento é professora de Literatura Comparada da UFRJ e doutora em Teoria Literária



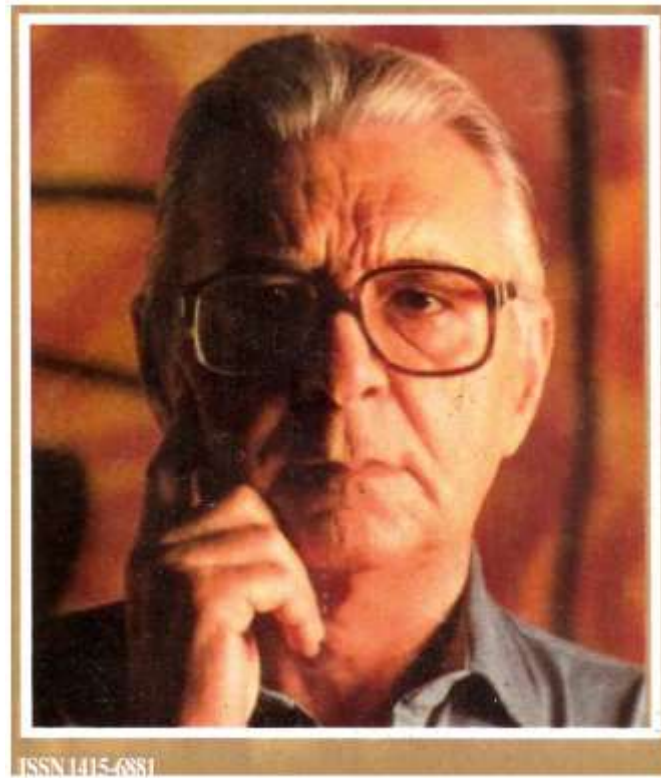


Imagem 1: De arquivo particular.



Imagem 2: De arquivo particular.





Imagem 3: De arquivo particular.